5.º ANO — LISBOA—SEXTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1925 — N.º 1291

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 67, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

PORTUGAL é um país — diz-se — de ceu azul e de oitenta por cento de analfabetos.

De ceu azul, continua a ser — excepto quando chove ou é de noite — o que sucede até na Italia, que é quem dá leis em materia de azul no ceu.

De analfabetismo apavorante — já não é.

O analfabetismo diminue. Disse-o ha dias no *Diario de Noticias*, num valioso artigo, o nosso antigo colega de jornalismo sr. Hermano Neves, servindo-se de serios elementos de estatistica e de um escrupuloso sentido de analise e confronto dessa eloquente materia muda que são os numeros.

Vê-se pelas conclusões insofismaveis do articulista que a instrucção em Portugal, difundindo-se, em escolas primarias, oficiais e particulares, começa a exercer o seu alto papel renovador e eficiente. E verifica-se que no ministerio da Instrucção se tem cuidado com carinho, natural sim, mas compensador, da proveitosa sciencia estatistica, cujas indicações satisfatorias, são efeitos das leis sobre instrucção, e da sua prudente e teimosa aplicação.

A percentagem de analfabetos, erroneamente deduzida, era em 1890 de 79,23 por cento, isto é: 80 por cento. Rectificados estes numeros, por modernos e mais justos balanços estatisticos, eles deram em: 1890 74,89 por cento, baixando dez anos depois para 73,79, no segundo ano da Republica para 69,35, e em 1920 para 65,25.

Presentemente, a percentagem do analfabetismo em Portugal é de 56 por cento, e segundo previsões rigorosas, em relação aos elementos base, calcula-se que dentro de 13 anos o numero de analfabetos seja igual ao das pessoas «não iletradas», o que põe em equilibrio as forças dos que sabem ler e dos que se limitam a adivinhar o que as letras querem dizer.

De uma maneira geral, a situação do analfabetismo perdeu o classico aspecto negro, descendo a percentagem, não de uma «maneira uniforme», mas de uma «maneira acelerada».

O articulista, em face dos seus serios estudos e deducções, prevê o desaparecimento estatistico do analfabetismo para dentro de meio seculo.

O que vale aos analfabetos de hoje — é que daqui a cincoenta anos já não existem.

* * *

TOMOU hoje, ás 13 horas, conta da pasta das Colonias, o sr. Filemon de Almeida, assistindo a este acto o secretario geral, directores geraes e todos os funcionarios do ministerio.

Usando da palavra, o secretario geral disse que via com magua a instabilidade dos ministros numa pasta tão importante como a das Colonias; que um ministro quando começa a conhecer os complexos problemas que por ela correm é que se vai embora, terminando por apresentar os funcionarios, acrescentando que podia contar em absoluto com a coadjuvação leal de todos.

O sr. ministro agradecendo, disse que empregaria todos os esforços para bem se desempenhar do cargo em que acaba de ser investido e espera que todos o auxiliem.

* * *

CHEGOU ontem de Paris o nosso querido director e amigo, sr. dr. Joaquim Manso, a quem todos nesta casa cumprimentamos com amizade respeitosa, e com enternecido contentamento.

PORTUGAL
e o estatuto de Tanger

Portugal deve assinar o estatuto de Tanger? Até hoje ainda não vimos este assunto tratado na imprensa, embora o Parlamento tenha encarregado a comissão dos negocios estrangeiros da redacção do parecer respectivo. Tendo um dos nossos redactores colhido «in loco» algumas impressões ácêrca da nova situação administrativa da velha cidade marroquina, parece-nos interessante elucidar o Parlamento em vesperas de uma resolução que pode muito bem ser prejudicial aos interesses portugueses.

Tanger internacional oferece, a quem chega, um aspecto pitoresco. E' a cidade onde ninguem se entende. O Estatuto, longe de resolver o problema tangerino, veiu complicá-lo ainda mais. Com excepção da Espanha, da Inglaterra e da França, as outras potencias signatarias do acto de Algeciras não deram ainda o seu voto ao estatuto. Portugal está neste caso. Os portugueses continuam, portanto, sujeitos ás leis portuguesas. Em materia alfandegaria, tal qual como os italianos e os americanos — que tambem não concordaram com o novo estado de coisas — regem-se ainda pelo «statu quo ante». Em materia penal, só podem ser presos pela policia do nosso consulado.

Com excepção dos arabes, que estão sob a jurisdição do «mendub» — o delegado do sultão de Fez — os habitantes de Tanger serão julgados por um Tribunal Mixto, que ainda não está definitivamente constituido, porque, até ha pouco tempo nenhum magistrado espanhol estava disposto a aceitar o cargo de juiz.

Entretanto, dão-se casos interessantes, que não podem ser resolvidos — porque não ha um tribunal. Um francês lembrou-se de atirar com uma garrafa á cara dum espanhol. Este reclamou, pediu justiça — porque a garrafa nem sequer era de «manzanilla» — mas até hoje ainda não foi atendido, por falta de juizes.

Outro pormenor digno de registo: em Tanger, cidade internacional, cidade cosmopolita, é expressamente proibida a entrada aos alemães, aos austriacos e aos habitantes dos outros paises que se bateram contra os aliados.

Pelo novo estatuto, foram consideravelmente agravadas as pautas alfandegarias, o que encareceu o custo da vida duma maneira barbara.

Não se ouve senão dizer a pessoas que até ha pouco tempo viviam com relativa facilidade:

— «Si sigue el estatuto, nos vamos a morir de hambre!»

E o mais interessante é que o estatuto desagrada a gregos e a troianos, a sinatarios e a não sinatarios. Trata-se dum diploma redigido á mesa duma conferencia por pessoas que fumam esplendidos charutos, mas que não estão ao corrente da situação economica e politica da velha cidade marroquina — que já pagou tributo ao rei de Portugal.

Resultado: em Tanger vive-se numa atmosfera permanente de protesto. O facto de Portugal não ter assinado ainda o estatuto, é visto com muita simpatia, principalmente pelos habitantes espanhois da pitoresca cidade do «mendub».

E agora cabe perguntar: convem a Portugal pôr a sua assinatura nesse diploma?

As pessoas que em Tanger defendem os interesses portugueses afirmam que de maneira nenhuma convem ao nosso país comprometer o seu nome nessa especie de abôrto internacional — que é da exclusiva responsabilidade da Espanha, da Inglaterra e da França. Não temos nada a lucrar com o estatuto. Muito pelo contrario. Se por uma leviandade irreparavel, o Parlamento Português lhe desse o seu voto, os portugueses residentes em Tanger perderiam os privilegios de que têm gosado até hoje e ficariam sujeitos ás clausulas aduaneiras do estatuto, o que de maneira nenhuma convem aos nossos interesses. Não assinando, gosamos desta situação privilegiada: participamos dos beneficios do estatuto — no pouco que ele tem de bom — e não lhe sofremos o peso do agravamento de taxas e de impostos.

Supomos que a esta hora o ministerio dos Estrangeiros já estará devidamente informado por intermedio do nosso agente diplomatico naquela cidade. E ou nos enganamos muito, ou a opinião do nosso representante em Tanger não deve andar muito longe das impressões colhidas lá em baixo por um dos nossos redactores.

"TRAVESTI"

— Agora vês, com os teus olhos, o que as modas das senhoras têm de ridiculas...

EM politica, fazer previsões é caminhar em terreno movediço. Em Portugal, muito mais. Já um jornalista, depois voltado para a diplomacia, escreveu uma vez: «em Portugal é dificil prever situações em politica, porque a logica nunca entra em linha de conta».

Em todo o caso, e apesar das duvidas e previsões pessimistas das pessoas que cuidam da politica, colhemos hoje de fonte autorizada, por insuspeita, visto tratar-se de pessoa adversaria do governo, o seguinte informe: o sr. Antonio Maria da Silva não caírá, como se supõe, já na segunda feira, e tem até probabilidades de se firmar o tempo suficiente para realizar administração publica.

O ilustre chefe do governo, áparte os politicos irrequietos, tem uma espectativa atenciosa, senão benevola, da parte do país. Por nosso lado desejamos que os homens que constituem o actual gabinete tenham ambiente para realizar o seu programa e dar provas das suas qualidades de administração.

* * *

OS jogos nacionais e internacionais, organisados pelo nosso prezado colega *O Seculo* e pelo Comité Olimpico Português, têm constituido um exito que não pode ser deixado passar em claro.

Amanhã realiza-se, no magnifico parque do Estoril, a prova internacional de esgrima, com o concurso dos dois formidaveis atiradores franceses Buchard e Callignon.

No domingo iniciam-se, nos *courts* das Laranjeiras, os concursos nacionais de *lawn-tennis* — que continuarão nos dias 6, 7 e 8.

* * *

O MOSTEIRO de Santa Clara, de Coimbra, está votado ao mais mais imperdoavel dos abandonos! Uma faisca, entrando pelo altar mór, onde se encerra o cofre precioso com os despojos da Rainha Santa, estilhaçou todos os vidros. Em dia de temporal chove no mosteiro como na rua. E' necessario que o governo dê imediatas providencias.

Trata-se de um monumento nacional.

* * *

MARGARIDA Lopes de Almeida, modeladora impecavel do pensamento dos poetas, e que descobriu, na forma de dizer, ineditas interpretações para a poesia portuguesa e brasileira, dá-nos antes de partir para Paris um novo recital. A tarde de domingo, no teatro Nacional, constituirá um novo triunfo para o seu talento, e um novo encantamento para o publico culto de Lisboa.

* * *

SÓ hoje nos chegou ás mãos um numero artistico e elegante, da *Ilustração Alentejana*, suplemento da *Terra Alemtejana* que se publica em Evora, e que é qualquer coisa de invulgarmente interessante na nossa imprensa da provincia.

* * *

ESTÁ publicada pela casa Rotermund, de Rio Grande do Sul, representada pela Parceria Pereira, de Lisboa, um livro notavel «Memorias do Kronprinz Wilhelm», obra de alta importancia historica, pelas revelações e pelas lembranças que comporta

* * *

O SR. ministro do Interior visitou esta tarde, no hospital de S. José, o sr. tenente-coronel Ferreira do Amaral, comandante da policia.

A musica

Recital Elisabeth Nauroy

E' hoje, na Sala do Conservatorio, que Lisboa vai ter ensejo de ouvir uma grande artista franceza, Madame Elisabeth Nauroy, cantora de voz excelente e de uma alta cultura musical.

A sua voz, poderosa e quente, finamente trabalhada, exprime com rara emoção o pensamento sonoro dos melhores compositores desde o arcaico Carissimi até aos ultra modernos franceses e russos.

A notavel solista dos concertos Colonne será acompanhada ao piano pelo maestro Francisco de Lacerda, que fará uma palestra musical á margem do programa.

I—1 L'heure est lente, G. Carissimi, (1604-1674); 2 Douce joie, G Legrenzi, (1625-1690); 3 Recit.º e Aria de «Rinaldo», Haendel, (1685-1759); 4 Romance, A. Scarlatti (1649-1725); 5 La Délaissée, J. Haydn, (1732-1809); 6 Rêves!, R. Wagner; 7 J'ai pardonné, R. Schumann. Canto e piano Madame E. Nauroy e F. de Lacerda.

II—8. Carnaval (op. 9), Schumann; Préambule, Pierrot, Arlequin, Valse noble, Eusebius, Florestan, Coquette, Réplique, Papillons, Lettres dansantes, Chiarina, Chopin, Estrella, Reconnaissance, Pantallon et Colombine, Valse Allemande, Paganini, Aveu, Promenade, Pause, Marche des Compagnons de David contre les Philistins.

Piano solo. Melle. Beatriz Coelho.

III—9. La Procession, C. Franck; 10. Lied Maritime, V. d'Indy; 11. a) Soir paisible, b) Reverie, R. Korsakow; 12. Larmes, P. Tschaikowsky; 13. Chanson triste, H. Duparc; 14. La Chevelure, Cl. Debussy; 15. a) Le Charme, b) Les Couronnes, E. Chausson; 16. a) Clair de lune, b) Aprés un Rêve, G. Faurè.

Canto e piano, Mme. Nauroy e F. de Lacerda.

ESPECTACULOS DE SENSAÇÃO NO «BAL-TABARIN»

E' incontestavelmente o «Bal-Tabarin», da rua da Gloria, o melhor «cabaret» de Lisboa, o mais elegante e o mais fresco para estas noites calidas de verão, onde o publico está num esplendido á vontade, admirando numeros de variedades interessantes, executados por gentis artistas, como Lucrecia Torralba, que nas suas «tonadillas» é verdadeiramente colossal.

Aurora Iris é uma simpatica bailarina, que põe nos seus bailados a impecavel arte que eles requerem.

Rosita La Gitana, desde a sua estreia, está causando um enorme sucesso com os seus modernos e finissimos «couplets», que o publico aplaude delirantemente.

Brevemente, novas estreias. O «Bal-Tabarin» está aberto toda a noite, havendo baile e servindo-se ceias esplendidas.

"Alster Pavillon"

O melhor "cabaret" da Capital

O «Alster Pavillon» é o mais interessante «cabaret» de Lisboa. Dotado de uma decoração oriental e de uma fantastica profusão de luzes, que lhe dão um efeito surpreendente, é o preferido pelo publico lisboeta.

A gentil e elegantissima coupletista Lolita Pinet está chamando grande numero de frequentadores ao «Alster Pavillon», que ali vão admirar a sua encantadora voz e apreciar os lindissimos «couplets» do seu vasto reportorio.

O «Alster Pavillon» está aberto toda a noite e tem um explendido serviço de gelados.

Um grande acontecimento

"O crime de madame Morland,,

A espectativa anciosa em que estavam todos os amadores da boa cinematografia, de ter ocasião de presenciar o desfecho do grande drama passional em jornadas «Lavinia Morland», o grande sucesso do Cinema Condes, vai ser satisfeita hoje, visto que se estreia a 2.ª e ultima jornada deste «film» espantoso, coroa de gloria da genial Mia May e da cinegrafia alemã. O empolgante episodio que se intitula «A ultima infamia» tem uma acção intensa, comovedora e imprevista que deve causar profunda emoção. Já na terça-feira se estreia neste cinema o ultimo grande sucesso de Paris «A canção da orfã», segundo Xavier de Montépin.

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE FAZEM-SE DIVERSOS FABRICAÇÃO GARANTIDA
: : 182—RUA DA ROSA—190 : :

A EPOCA DE VERÃO

A revista

"Ditosa Patria,, sobe amanhã á scena no Teatro da Trindade

Uma vez anunciados, imediatamente Luiz de Aquino, que é o director da empresa e um dos autores da nova revista que o Trindade vai pôr em scena, e Nascimento Fernandes, nos mandam subir ao palco, onde, na azáfama propria de um ensaio geral, artistas, carpinteiros, gente de córos, de baile e dos adereços, correm de um lado para o outro, acudindo pressurosamente ás suas entradas e ocupações.

Um grande metodo, orientado por Antonio Gomes e Augusto Pina, preside a toda essa perturbadora actividade.

—Digam-nos coisas sobre a «Ditosa Patria». Do noticiario, dum cunho elegantemente simplista, que por aí temos lido, nada se depreende do que venha a ser a proxima exploração do Trindade.

CREMILDA DE OLIVEIRA

—Essa despretenção elegante, como você lhe chama, do nosso reclame, sem o habitual exagero com que o publico já se não impressiona, tem sido uma das nossas preocupações —diz-nos Luiz de Aquino—minha e do Nascimento Fernandes, que nunca soube, nem quiz impôr-se pela ridicula e banal adjectivação do noticiario teatral.

—Nisso como em tudo—acrescenta Nascimento Fernandes—eu e a empresa procedemos no mais absoluto acordo. E' preciso não afrontar o publico com afirmações excessivas. As coisas apresentadas com singelesa redobram de valor quando o exito as acompanha.

—Pelo visto trata-se de uma peça e de uma montagem sem a menor pretensão...

—Exactamente—acode Nascimento Fernandes.—Isso, porém, não significa que, para a enscenação da «Ditosa Patria», se tenha descurado qualquer pormenor. O tão apregoado deslumbramento, relativo, com que é de uso recomendar estas peças, tambem nós cá o temos.

—O que não nos compete—continua Luís de Aquino—é antecipar juizos e opiniões que só competem ao publico e á critica. Um e outra é que nos hão de dizer se os scenarios, o guarda roupa, os adereços e todo esse montão de bugigangas que você aí vê, correspondem ou não ás exigencias da peça, que afinal tem uma montagem igual, senão superior, ás das outras que um legitimo sucesso tem consagrado.

—Mantem-se, portanto, o programa das «feeries», da louvavel iniciativa de José Loureiro.

—Essa iniciativa falhou, por falta de repertorio e de elementos de execução—insinua Nascimento Fernandes.

—Era preciso organisar uma nova companhia constituida por aqueles dos nossos antigos elementos que sabem evoluir, tais como a sempre graciosa Cremilda de Oliveira e como Henrique Alves a quem a rotina não conseguiu estagnar, e procurar ao mesmo tempo elementos novos, com a frescura e a mocidade que este genero não dispensa. Eu que sou o mais velho de todos—confessa Luís de Aquino—devo os exitos em que tenho tido parte, ao facto de procurar evoluir sempre num contagio permanente com a juventude a que nunca recusei acesso.

—O mesmo tenho feito, eu e todos os nossos colaboradores — prossegue Nascimento Fernandes—o Alberto Barbosa, o Magalhães, o Lourenço Rodrigues; o Nicolino, que nos trouxe a alegria chic de Paris, onde regeu algumas das melhores orquestras de Music-Hall e onde contagiou o espirito do moderno teatro ligeiro; o Portela, compositor de um estro facil e popular, de camaradagem com os principais interpretes da «Ditosa Patria», só tivemos este proposito: tornar esfusiante, rapida e leve, a peça que amanhã sobe á scena.

—Para substituir varios elementos cançados da companhia e que só á «contre-coeur» poderiam adaptar-se á nossa alegre tentativa, —diz Luis de Aquino—refrescámas o elenco com a Justina de Magalhães, o Augusto Costa e a jovem e petulante Beatriz Costa, ambos recem-chegados do Brasil, a Margarida de Almeida, a Mercedes, a Angelita, a Angela Barros, a Mecia Rente e outras figuras novas que, pela sua audacia um tanto ou quanto irreverente da sua mocidade, suprem, talvez com vantagem, no caso presente, o que só a experiencia, perigosamente sorna, pode ensinar. Apezar dos enormes encargos desta numerosa organização, com revoadas de raparigas e rapazes cheios de bom humor, a Empreza resolveu baixar os preços dos logares, que até agora só eram acessiveis a um publico de seleção, o publico das aristocracias intelectuais, do sangue e do dinheiro, a gente conhecida enfim, que não chega para manter um teatro e que de preferencia concorre ás companhias estrangeiras.

—Pretendemos conservar todos esses amaveis frequentadores que dão ao ambiente de um teatro a nota elegante, mas atrair tambem, aos chamados logares baratos, o povo, o grande publico, a massa ingenua dos que nos aplaudem e se divertem sem desproporcionadas exigencias.

—Resumindo—concluem os nossos dois entrevistados—queremos popularizar e restituir ás suas antigas tradições o elegante Teatro da Trindade, cuja linda reconstrução se deve á patriotica iniciativa de José Loureiro e Antonio Ferreira Bacelar. Consegui-lo-hemos? V. e os camaradas dos outros jornais é que o hão-de dizer, perante a sentença do publico.

E, com um aperto de mão, despedimo-nos, não sem que Nascimento nos solicitasse ainda:—E nada de adjectivos, nada de promessas comprometedoras. Reduza á expressão mais simples as nossas palavras. E muito obrigado.

DENTES ARTIFICIAIS
Extracções sem dôr. Corôa
Dentes sem placa. d'ouro.
Telefone: N. 3569
R. Eugenio dos Santos, 35, 1.º

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calcada da Estrela, 13, 1.º Esquerda

Almoços-Concerto
das 12 ás 14 horas
Os melhores de Lisboa
CHIC
Praça Restauradores, 20—Telef. N. 3361

ESPLANADA NO ALTO DO AVENIDA PARQUE
(Parque Mayer)
Bailes populares todas as noites
Boa banda de musica
Maxima ordem e correcção

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria da Silva Ferreira Velho e D. Dina dos Santos Leite da Silva.

E os srs.:

Dr. Mario Negrão Monterroso, Luiz de Sousa Carvalho (Ervideira), Gastão Benjamim Pinto, Jorge de Castelbranco Ferreira Pinto Basto e Francisco de Salema Figueira.

A Caridade

Tourada em Algés

Dos elementos que formam o magnifico «cartel» da extraordinaria corrida de beneficencia que se realiza na praça de touros de Algés no proximo domingo 5, faltanos apenas referir aos «forcados» e «campinos» cujos grupos são formados o primeiro pelos srs. Antonio de Abreu (cabo), Emidio de Aguiar, José Antunes, Joaquim de Aguiar, Jaime Alves, Joaquim de Abreu, Luiz Novais e Gabriel Ferreira, e o segundo pelos srs. Jaime Godinho (Abegão), Joaquim de Matos, Hilario Barreiros, e Augusto Malfeito. Os touros para cavalo serão recolhidos pelos srs. D. Rui de Sequeira (S. Martinho), D. José de Mascarenhas (Conde da Torre), D. Rui Zarco da Camara (Ribeira Grande) e João Marcelino de Azevedo.

Com tão belos elementos é de esperar que não fique um logar vago, na praça de touros de Algés.

Corrida de cavalos

De dia para dia vai aumentando o entusiasmo pelas sensacionais corridas de cavalos, que na tarde de domingo se realizam no belo Hipodromo do Campo Grande, organisadas pelo aristocratico «Jockey Club», nas quais será disputado o Grande Premio, em que estão inscritos cinco magnificos cavalos, como são: «Clair de lune», de Ruy d'Orey; «Pigeon Shooting», «L'Empereur» e «Royal Dutch», todos propriedade do sr. conde de Pinhel, e «Supper», propriedade do sr. Alberto de Sousa Rego. Estes cavalos são todos estrangeiros, com excepção do ultimo, que é da caudelaria do sr. Ruy de Andrade.

Esta prova está despertando extraordinario interesse pelos cavalos que nela tomam parte, pois são muito iguais em força, sendo por isso dificil prever qual o vencedor.

A'manhã, realiza-se no mesmo Hipodromo uma prova de obstaculos para apuramento da «equipe» para os jogos olimpicos e de uma partida de «Jogo de Polo» entre duas «equipes», jogo que pela primeira vez se executa entre nós.

As tardes de ámanhã e depois no Hipodromo do Campo Grande vão decerto ficar marcadas a letras de ouro nos anais mundanos.

Nos intervalos haverá serviço de «chá» da «Garrett» na «pelouse».

IV Salão de Automoveis

Inaugura-se ámanhã á tarde no Coliseu dos Recreios, que se encontra artisticamente ornamentado pelo ilustre artista sr. Augusto Pina, o IV Salão de Automoveis, organizado pelo Automovel Club de Portugal.

Durante a exposição de automoveis que se inicia ámanhã e se encerra no dia 13 será o Coliseu dos Recreios o ponto de reunião de tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante, sobre tudo ás sextas feiras e domingos.

Casamentos

Realizou-se no domingo, em Ribafeita, o casamento do sr. Artur de Mendonça L. Perdigão, com a sr.ª D. Clementina Henriques de Oliveira.

Pontos de reunião

No Eden

A finissima revista «A cidade onde a gente se aborrece», continua atraindo todas as noites uma selecta concorrencia a este teatro, não só por não conter ditos ou situações dubias, como tambem pela riquesa e explendor do scenario e guarda roupa. Assistindo as ultimas recitas recorda nos ter visto as senhoras:

Viscondessa de Silvares, marquesa de Fontes, condessa de Arge, D. Flora Fernandes Tomás de Sousa Rodrigues, D. Alice Guedes Heredia, D. Sara da Mota Ferreira Marques, D. Halia Correia Leite, D. Joana de Castel-Branco Mendes da Silva, D. Assunção de Melo Mendes da Silva, D. Elvira Jara de Albuquerque d'Orey, D. Maria do Carmo Alves de Carvalho Pereira de Melo, D. Maria José de Barros Lima Salgado, D. Maria Lobato de Melo, D. Henriqueta Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Julia Seredio, D. Lucilia Simões Braga, D. Margarida da Mota Canavarro, D. Albertina Neto Afonso, D. Madalena Firmino Cunha e filha, D. Maria José Vaz Monteiro Nazaré, D. Maria da Gloria Vaz Monteiro Avelar, madame Affonso Vilar, madame João Aranha, D. Carlota Alves de Carvalho Pereira de Melo, D. Maria Manuela, D. Maria de Lourdes da Cunha Meneses e D. Maria de Sequeira Fernandes Braga, etc., etc.

Doentes

Completamente restabelecido, da operação ao estomago a que se sugeitou em Coimbra, regresssou desta cidade com sua esposa a sr.ª D. Graziela Gomes, o sr. João Homes.

—Pelo ilustre cirurgião de ortopedia o sr. dr. Antonio de Meneses, foi operada com muita felicidade, o menino Jorge de Melo Vieira.

—Num quarto particular do hospital de S. José encontra-se internado o nosso querido amigo sr. Isaac Pereira, gerente da filial do Banco Pinto e Sotto Mayor, em Coimbra, que vai sofrer um rigoroso tratamento.

Em viagem

No Palace do Bussaco, encontra-se ha dias o sr visconde de Assentiz.

—Acompanhada de sua gentil filha Maria Teresa, parte brevemente para a Curia, donde seguirá para Biarritz, a sr.ª D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, esposa do sr. dr. Ricardo Jorge (filho).

—De S. Tiago do Cacem, partiu para Pero Filho, o sr. Antonio Lobo de Vasconcelos.

—Para Lausanne partiu de Paris, o industrial hoteleiro sr. Alexandre de Almeida.

—Partiu de Lamego para a Povoa de Varzim, o sr. Manuel Luís de Sousa.

—Encontra-se em Lisboa o sr. dr. Constantino Torres Vouga, gerente da filial do Banco Pinto e Sotto Mayor, em Chaves, que ámanhã regressa áquela vila.

CARTAZ

TEATROS

Apolo=A's 21,30=«A Severa», opereta.
Avenida=A's 21,30=«Apaixonada».
Eden=A's 21,30=«A cidade onde a gente se aborrece».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Rataplan!».
Salão Foz=A's 20-45=Variedades e cinema.
Bal-Tabarin=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

QUESTÕES LITERARIAS

Anatole France

foi um mestre

de inercia e de cinismo...

Ha males que vêm por bem. No ano passado, quando da morte de Anatole France, eu escrevi para o «Jornal de Noticias» do Porto, um pequeno artigo de analise sumaria á figura illustre que acabava de desaparecer. Esse artigo foi escrito no proprio dia em que me chegou a noticia através dos jornais. Estava eu então numa quinta isolada, entre a moldura grave e melancolica do Douro — e poucos eram os livros que comigo levára. A minha impressão sobre Anotale France foi, portanto, apenas um resumo da recordação que tinha da leitura de quasi toda a sua obra. E, sem poder consultar volumes e sem poder reviver o convivio intelectual com o prosador feiticeiro, as minhas palavras ressentiram-se talvez dessa forçada composição sobre lembranças remotas. O artigo saiu. Alguns espiritos de nobre relevo, do Porto, tiveram a gentileza de me falar com apreço desse ensejo. O meu comentario a Anatole France fôra, sobretudo, «um comentario moral» e não «literario». Procurára encarar o seu papel dissolvente e desorientador no moderno pensamento francês — e censurára asperamente a queda dolorosa do magnifico contra-revolucionario de «Les Dieux ont soif», do esteta maravilhoso da «Thais» e de certas paginas do «Lys Rouge», no pantano alucinado do comunismo... Este meu ponto de vista foi, decerto, o que me rendeu os afectuosos aplausos dos escritores do Norte. E foi esse ponto de vista o unico valor do meu artigo.

Passaram-se, porém, meses, e incluí esse artigo no meu livro «Claridade». O «Diario de Lisboa» transcreveu-o nessa altura, revelando-o, assim, ao publico de Lisboa. E eis que me começam a chegar de varios lados, ecos da discordancia que a minha «irreverencia» ia levantando — em colunas da imprensa, onde as minhas afirmações eram discutidas, ou por uma fórma de ironia palida, ou por uma fórma de colorido insulto. Por pouco se não requeria uma acção politica contra a minha «blasfemia»... Chegou-se a clamar que «só em Portugal se consentiria «o que eu fizéra. E aproveitou-se o ensejo para agredir os principios que eu defendo e as convicções que eu manifesto.

E' natural. Entre nós, para alguns, a cultura parou em Anatole France. Ele é um dos idolos intangiveis. Tocar lhe com uma linha de prosa — era acordar a colera das vestais... Tão natural achei o caso — que resolvi imediatamente não responder.

Mas, um dia chegou ao meu conhecimento, que me atacavam outros adversarios. E esses, dignos de todo o meu apreço, acusavam-me: primeiro, de ter chamado a Anatole France «um dilettante»; segundo, de o ter encarado com um criterio mesquinho e faccioso. Fiz, então, tenção de responder. Mas a preguiça foi adiando essa resposta. Talvez conseguisse mesmo que eu nunca escrevesse estas palavras de hoje... Ha poucos dias, porém, encontrei numa livraria, um livro novo. Era de Bernard Fay, o «Panorama de la littérature française contemporaine». Acabo agora de o ler. Traz um capitulo sobre Anatole France. Veiu recordar-me a questão. E, como eu tenho, por estes ultimos adversarios, um respeito mental que recuso aos outros, decidi-me a expôr-lhes num novo artigo, (ainda sumario, como todos os artigos de jornal) a explicação da minha atitude.

* * *

Afinal, o meu crime qual é? Ter tido a audacia de atacar e condenar Anatole France. Santo Deus! como é facil ser audacioso em Portugal! Ha dôze anos que Georges Michaut (mestre de conferencias da Universidade de Paris) publicou um estudo compacto sobre Anatole France com que lhe nega o «dom de construir», o «poder criador», a «virilidade de pensamento» em que o aponta e o define: «unicamente, um diletante, um sceptico, um voluptuoso», e em que assinala a sua má influencia sobre a mocidade da sua geração. Já depois da publicação do meu artigo no «Jornal de Noticias», mas antes da sua publicação em volume, René Johannet insultou exageradamente Anatole France, repetindo com frequencia que ele não tem «o sentido da grandeza», que «apenas se pôde fixar no nihilismo», e enfim que, «em politica, foi um hipocrita; em moral, um demolidor; em literatura, um ensaisia de segunda ordem»... (!) Jacques Roujon, nesta mesmo espaço de tempo, dissecando a obra de Anatole constituiu um libelo em forma, acusando-o de ter fundado «o snobismo da anarquia», de ser «o fabricante de munições para o comunismo»; e (exactamente como eu fizéra) comparou-o a Maurice Barrès, assinalando a divergencia dos dois caminhos que tinham partido do culto egotista: Anatole, acabando sobre os barrancos da Revolução, moralmente desclassificado — e Barrès, votando a sua vida ao alto apostolado patriotico e tradicionalista. E, entre muitos, agora mesmo, Bernard Fay é o mais violento, o mais implacavel, chamando a Anatole um mistificador, dizendo «que ele explica sempre claramente que não compreende nada», negando-lhe toda a originalidade, e falando «na baixeza da sua imaginação, na franqueza da sua ignorancia, na elegancia do seu vazio»; repudiando, enfim, em absoluto, o seu dominio intelectual. Acrescentemos a estes depoimentos, os de Henri Massis, nos «Jugements», um dos principais da critica francesa moderna; o de François Mauriac, o maior romancista da nova geração de Paris; o de Henry de Montherland, outro escritor proeminente; o de Henri Clouard e Fernand Divoire, e o de tantos outros que vêm declarar o seu divorcio da bela e envenenada influencia de Anatole France. Porquê, esta reacção? Porquê este movimento significativo? Justamente porque Anatole foi um diletante, porque não escolheu, porque não se fixou. Porque, em vez de ser um mestre de acção e de virtude espiritual — foi um mestre de inercia e de cinismo... E porque o seu unico desejo perante a vida foi demolir, negar, perverter—e esta geração que o calvario da guerra modelou aspira a alguma coisa de mais alto e de mais fecundo — do que esse turismo ironico, entre o maligno prazer das demolições...

Santo Deus! E' tão facil ser audacioso em Portugal! Se são tão poucos os que lêem, e, portanto, os que evoluem! Basta existir-se um pouco na solidariedade das aspirações modernas — para se estar deslocado entre a maior parte dos nossos jornalistas!...

Vive-se ainda, entre nós, sob o dominio de cultos injustificaveis. Raros se preocupam em fazer a revisão da sua Inteligencia. Cingem-se áquilo que conhecem. Limitam-se áquilo que o acaso lhes pôz diante dos olhos. Obra de consciente exame de escrupuloso inventario mental, dificilmente a realizam. Por isso, certos jornalistas cheios de boa vontade, fóra da critica contemporanea, tanto se indignaram com o que eu escrevi sobre Anatole France! A esses poderia eu dizer que Anatole pertence a uma galeria de celebridades efemeras, tendendo a desaparecer, porque se apoiaram na simples vibração da sensualidade e porque não definiram uma orientação nem trilharam um caminho. O nosso tempo é um tempo de afirmações e de reconstruções — não é um tempo de epicurismos e de sarcasmos. Passou a epoca especulativa — para se entrar na epoca realisadora. E porque Anatole foi um esteril, um destruidor indolente e amoral, é que Anatole está sendo hoje repelido pela consciencia das gerações e será quasi todo esquecido, amanhã, pela consciencia futura. A esses jornalistas (que apenas se deslumbram, numa fascinação de barbaros, ante o belo estilo de Anatole — uma graça de Deus que ele pôz ao serviço das alucinações dos homens) poderia eu dizer isto, e infinitas coisas mais. Mas não vale a pena... o que me interessa é esclarecer, perante os outros, perante aqueles que discutiram inteligentemente o meu artigo, a razão porque chamo diletante a Anatole France, e porque o seu diletantismo representa uma grave e corruptora responsabilidade.

Diletantismo, para mim, significa a viagem apaixonada e leviana á volta das ideias e dos sistemas, sem eleger nenhum, sem se integrar em nenhum. Viagem que póde admitir até longas e encantadas demoras e atentas e carinhosas visitas. Numa palavra, o que Lemaitre chamava «a impotencia de escolher e de amar...» Ou o que Michaut intitula o «donjuanismo intelectual» — legenda que traduz bem a instavel caracteristica do diletantismo e a sua ancia de posse fatal seguida duma neurastenia insatisfeita e repetida... Diletantismo, para mim, é isto. E' o tambem para a maior parte dos comentadores de Anatole France, visto que eles assim o indicam quando se lhe referem. Desde Gustave Lanson, falando no «seu diletantismo aparente» (aparente, logo admissivel) até René Lalou que identicamente se exprime na «Histoire de la literature française contemporaine», desde René Johannet que lhe chamou «un diletante de son désendre», até Jacques Roujon que considera «a sua preguiça como a primeira fórma do seu diletantismo» e lhe reconhece «uma vida inteira de diletante»; e até ao proprio Anatole que, ao descrever-se no seu Bergeret coloca, na sua frente, Mr. Mazure, que lhe observa: «je ne suis pas, comme vous, un dilettante». Em Michaut, então, teria de citar quasi todas as paginas. Principia logo: «após a morte de Renan, se se quizesse eleger um principe dos diletantes», só Anatole poderia aspirar a essa dignidade»; mais adiante: «tudo se conjuga para fazer dele o mais perfeito representante do diletantismo»; «a sua inteligencia, a sua imaginação, a sua sensibilidade, tudo é disposto para o diletantismo»; «foi um contista, um romancista, um critico diletante»; «a sua obra é a apologia do diletantismo»; «a sua reputação é a dum diletante... Mais uma vez se prova que eu não fui sequer audacioso — e que tenho cumplices eminentes no meu delito...

Diletante, sim, e dos mais flagrantes! Entusiasta sucessivo de todos os sistemas, e incapaz de se entregar a nenhum! Reaccionario que fulminou a Revolução; e, mais tarde, comunista que proclamou o exterminio das sociedades. Abraçado por Maurras, como padroeiro da «Action Française», e querido dos extremistas, como padroeiro da «Internacional»! Diletante completo, caracteristico, vitima do seu diletantismo! Lemaitre e Brunetière, Faguet, Pelissier, Lajeunesse, e todos os criticos do seu tempo, admirando-o, censuraram-lhe essa instabilidade cobarde de opiniões, esse genio de extravagancia, esse talento prejudicial, que o colocava, diante de todos os templos, como um profanador, como um erostrato desejoso de ruinas. Mais recentemente, é o côro dos novos mestres da critica: Bidou, Renard, Ernest Charles, Blum, Gaston Deschamps, Fernand Gregh. Ha facetas que agradam, outras que desagradam aos varios grupos — mas, para todos, Anatole é o comodista cinico de exclusivo egoismo, que não entra numa corrente, exibindo um eclectismo que é no fundo, um calculo. Dai, a sêcura da sua obra. E, inevitavelmente, a rapidez com que essa obra se esvairá da memoria dos homens, como as poeiras dos desertos!

Diletante, até no muito que pediu emprestado á grande maioria dos escritores notaveis que leu. Dos seus plagiatos que me chegam ao conhecimento, citarei uma lista reduzida — só com os nomes dos autores. E' Montaigne e Rabelais; é Dante e é Shakespeare; é Bossuet e Boileau; é Pascal e Montesquieu; é La Bruyère e Musset; é Balzac e Leconte de Lisle; é Viguy e Lamartine; é Chateaubriand e Racine; é Dickens e Sterne; é Mérimée e Flaubert; é Thiers e Nodier; é Tourguénieff e Swift; é Daudet e Gaston Paris; é Voltaire e Renan; é até Zola, meu Deus, e até a Gyp! Todos esses plagiatos estão estabelecidos, com textos impressionantes: ou imitação de enredos, ou de prosas, ou de figuras, ou de maneiras de ver. Um prodigioso guarda-roupa dos disfarces de Anatole! E quando Ernest-Charles lhe pôz o nome de «le pilleur des âges» apenas aplicava, justiceiramente, um estigma... Se até na «Vie Litteraire» Anatole France, ele proprio, fizera «L'apologie pour le plagiat»!...

* * *

A verdade tem de ser reconhecida. Eu mantenho a conclusão do meu ensaio: como homem, como politico, como orientador, como filosofo, Anatole France é uma figura antipatica, artificiosa, hipocrita, sem escrupulos e altamente nociva, embora o seu dominio se esbata a olhos vistos. Mas como artista, como estilista, como plastico, Anatole France é um dos maiores da França. Isso mesmo já eu dizia no fim do meu capitulo, esperando desse milagroso néo-helenico da frase perfeita, da expressão inimitavel e da milagrosa simplicidade que nos obrigasse a absolver o outro, o cinico, o corruptor, o amigo de Vitor Marguerite e o aliado de Barbusse. Nunca deixei de ter, por esse Anatole, o respeito e o entusiasmo que me inspiram os grandes credores de harmonia. Mas isso não me póde fazer esquecer aquele que «morreu papa dos comunistas» como diz Jacques Roujon, e que tanto ajudou a sua propaganda torpe. E não me póde fazer esquecer, porque sou nacionalista e sou cristão — e Anatole foi um inimigo de Deus e um inimigo das Patrias.

Mais tarde, sim! Quando o homem se diluir — e ficar o Artista, o Esteta, o Musico verbal — ele poderá então atingir uma serena imortalidade!

* * *

Repito: estas explicações, e outras que eu um dia darei, num largo estudo sobre o reaccionario inconstante de «Les Dieux ont soif», são para algumas pessoas que discordaram do meu artigo com inteligencia e lucidez. Nunca poderiam ser para esses simpaticos jornalistas que, passando a vida á busca dos assuntos quotidianos, não têm tempo para formar a sua cultura e para disciplinar as suas ideias — e que, por isso, não me trouxeram um unico argumento susceptivel de resposta. Sobre esses, só posso pedir, á memoria illustre de Anatole France que me perdôe — por ter, sem querer, chamado a defendê-la tão futeis e indesejaveis paladinos...

JOÃO AMEAL

Industria patentada Medalha d'Ouro na Exp. Int. do R. Janeiro, 1922

QUEM

Experimentar usar o Cabide Manequim da sua medida, tem a certeza de possuir uma fôrma, para ter o fato completo, sempre informado, evitando assim, as passagens a ferro.

Vende-se nas boas casas, grandes armazens e no deposito Rua de S. Nicolau, 85, Pereira & Geadas.

Camisas e cuécas

A UNICA CASA que vende estes artigos baratissimos é a **Fabrica Paris, R. do Norte, 83, 1.**

A medica A. Cabete

Tendo regressado do estrangeiro, retomou a sua clinica, P. dos Restauradores, 13, 2.º.

Manteigas finas
Sempre as melhores
Gruyére «Tigre», o melhor
de todos e o mais barato
Nova Casa das Manteigas
R.DA PRATA, 90

A Cidade

Doenças da boca, dentes e maxilares
Manuel Valente
Travessa do Corpo Santo, 29, 1.º
(Esquina da Rua de S. Paulo)
Telefone, Central 1853

Chá das cinco

O fado de cada um...

Ou numero sensacional da festa de homenagem á *équipe* portuguesa de *foot-ball* que venceu o *team* italiano foi a espirituosa conferencia em verso do distinto poeta Antonio Carneiro (João Fernandes), dita por Joaquim Almada e comentada por Hortense Luz—o endiabrado *Gavroche* do *Chic-Chic*—que foi acompanhada á guitarra nos diferentes fados.

Ao acaso, tiramos da interessante conferencia algumas das coplas:

José Domingues dos Santos,
Canta fados tantos, tantos,
Que o seu fado se lhe ignora;
De fados tanto ha mudado
Que trauteia, por agora,
O fadinho triplicado.

(Fado triplicado e comentario do «Gavroche»)

O fado, a gente corrige-o;
Fiz da mitra um gorro frigio,
E esse «truc» me define;
Mudo tanto de camisa,
Qu'inda envergo, se é preciso,
A negra de Mussolini.

Brito Camacho, o austero,
Que chicoteia, severo,
Tão reles mundo leproso,
Passa a vida, inutilmente,
Massacrando toda a gente
Co'o fadinho rigoroso.

(Fado rigoroso e comentario do «Gavroche»):

P'r'á Câmara, ao «Bela Kuhn»
O bilhete dei-lh'o eu;
Agora para a Guiné,
Lá quem lh'o deu, não sei eu!...

E ao dr. Julio Dantas
Que tem dado provas tantas
De fala da antiga era,
O acaso lhe destina
O ter-lhe cahido em sina
O fadinho da Severa.

(Fado da Severa e comentario do «Gavroche»):

Puz a Severa a render,
E hoje vivo na opulencia;
Ora diga-me «Böscencia»,
Ai, ó Marqueza,
Marqueza, se isto é descer...

Antonio Carneiro.

TAPETES DE BEIRIZ
São os unicos que satisfazem as pessoas exigentes.
Grande sortido no deposito
RUA IVENS, 30 Telefone C. 5194

A CARIDADE

Corrida de beneficencia em Algés

Com cito touros puros e de grande poder, cedidos pelo sr. Santos Jorge, e sob a direcção do amador da velha guarda sr. D. Ruy Rebelo de Andrade, realiza-se no domingo, em Algés, em beneficio dos pobres da freguesia de Bemfica, uma corrida em que tomam parte os seguintes distintos amadores:

Cavaleiros—D. Alexandre de Mascarenhas, D. João de Mascarenhas, e D. Vasco Fontalva

Bandarilheiros—D. Carlos de Mascarenhas, D. Pedro de Bragança, Artur Alves Ribeiro, Simão da Veiga, pai, e Simão, filho.

Forcados—Grupo de Santarem: Antonio Abreu (cabo), E. Aguiar, J. Antunes, J. Aguiar, J. Abreu, Jaime Alves, Luis Novais e Gabriel Ferreira.

Campinos a cavalo—D. José de Mascarenhas, D. Ruy S. Martinho, D. Ruy da Camara e João Marcelino de Azevedo.

A lide será auxiliada pelos artistas Cadete, J. Costa, Muñoz Crespo e «Malagueño».

MEIAS RICHELIEU
Meia de Grande Moda em Paris
para Campo e Praia
Puro fio de linho
Tamanhos desde 8 a 10
Rua Ivens, 53 (ao Chiado)

UM ESTABELECIMENTO MODELAR

A Casa Pia

festejou

o aniversario

da sua fundação

inaugurando um refeitorio

A Casa Pia estevê hoje em festa. Completou 145 anos de existencia, sendo o facto, comemorado com exercicios de gimnastica pelos alunos, exposição de trabalhos escolares e oficinais e inauguração do novo refeitario, com a assistencia do sr. Presidente da Republica.

Tivemos o prazer de percorrer todo o vasto dificio deste belo e piedoso estabelecimento de educação, na companhia do seu ilustre director, sr. Alfredo Soares que, tendo sido aluno da Casa Pia, passou, depois, a professor, e, finalmente, a sub-director e director, por morte do dr. Aurelio da Costa Ferreira.

A nossa impressão não podia ser mais agradavel. A Casa Pia que vivê do rendimento dos seus legados e dê uma quota parte das lotarias, só quando se torna absolutamente necessario, subsidiada pelo Estado, comporta hoje em seu seio 754 alunos internos — subsidiando 115 que se encontram distribuidos por oficinas e escritorios, e que necessitam de subsidio, por não ganharem ainda o suficiente para se aguentarem na vida, e ainda pelos liceus e escolas superiores. Estes ultimos, porém, constituem rarissimas excepções. A Casa Pia não tem por objectivo principal, e ainda bem, criar bachareis. O seu fim é criar operarios. Só quando os seus alunos mostram notaveis tendencias para a vida intelectual é que são destinados aos liceus e escolas superiores.

Hoje, a Casa Pia subsidia 4 alunos dos liceus, 1 aluno de Direito, outro de Medicina, outro da Academia das Belas Artes, secção de arquitectura, outro ainda do Conservatorio.

* * *

A Casa Pia — vá lá um pouco de historia — foi fundada em 1780 pelo intendente geral da policia de então, o celebre Pina Manique. A fundação da Casa Pia resgata-o de todas as propotencias cometidas. Primeiramente, a Casa Pia teve assento no Castelo de S. Jorge, em edificio que já existia. A ideia que inicialmente presidiu á sua fundação não foi a de estabelecer uma casa de educação, e muito menos um nucleo de altos estudos scientificos em que mais tarde se tornou. Bem longe disso. Os primeiros recolhidos naquela casa, foram homens e mulheres de maus costumes, que vagueavam pelas ruas e eram constante perigo para a segurança publica, conforme escreve o sr. Cesar da Silva, professor bibliotecario do estabelecimento, na sua «Breve Historia da Real Casa Pia de Lisboa, edição de 1896». Foi este, pois, o inicio da Casa Pia: Uma prisão penitenciaria, como hoje se diria, para regeneração de vadios e de mulheres de má nota, e um amparo e protecção educativo para os orfãos desvalidos. Castigo para os primeiros — caridade para os segundos.

Com o andar dos tempos, á medida que ia recolhendo crianças abandonadas, a Casa Pia foi-se transformando, até que duma simples casa de correcção passou a ser uma «universidade plebleia», na frase pitoresca de Latino Coelho.

Do Castelo de S. Jorge, por virtude dos acontecimentos politicos provocados pelas invasões francesas, passou o estabelecimento da Casa Pia para uma parte do convento da Nossa Senhora do Desterro que os frades tinham quasi desocupado. Um decreto de 28 de Dezembro de 1833, transferia a Casa Pia para o Convento dos Jeronimos, onde se encontra instalada actualmente.

* * *

—Tenho 48 anos de Casa Pia, declarou-nos sinceramente comovido, o seu prestimoso director.

—Deve sentir uma grande alegria!

—Uma grande alegria... Fui aluno, fui professor, e hoje sou director. A minha vida foi feita na seriedade e no recolhimento destes claustros.

—Daqui têm saido algumas das melhores cabeças do Paiz...

—Sim. A Casa Pia tem sido uma mãe prodigiosa. Operarios, empregados bancarios, medicos, advogados. Ha tempos, numa bela festa de confraternisação, reuniram-se aqui bastante dos seus antigos alunos. Foi um espectaculo impressionante. A blusa do operario em festiva camaradagem com a borla e capelo dos doutores.

—Um espirito de nobre democracia...

—E' verdade. A Casa Pia é um estabelecimento de educação — um estabelecimento em que se não descura a formação moral dos seus alunos.

A Casa Pia imprime-lhes caracter. Os seus alunos, com uma percentagem diminuta de falhados, têm-se distinguido em todos os campos. Isto é consolador.

Vamos conversando e percorrendo todo o vasto edificio. Por toda a parte um grande asseio, uma ordem absoluta. As salas da aula, lindamente adornadas com desenhos de simpatia e ternura infantil, o refeitorio, os dormitorios, a cosinha, tudo, enfim, respirando ordem, asseio, higiene, metodo e carinho, muito carinho por todas aquelas crianças que, orfãs ou abandonadas, encontraram na Casa Pia o agasalho dos seus corpos e a salvação das suas almas. Na barafunda dos nossos tristes dias, em que as notas de desanimo sobresaem dolorosamente, faz bem visitar estabelecimentos como este. Afinal, na vida, nem tudo é mau — nem tudo é pessimo. A Casa Pia é um exemplo vivo de que a piedade não morreu. O coração é eterno.

O Chefe do Estado

inaugura amanhã

o IV Salão de Automoveis

Amanhã, ás quinze horas, o sr. Presidente da Republica inaugurará, no Coliseu dos Recreios, o IV Salão de Automoveis, grandioso certamen organizado pelo Automovel Club de Portugal.

Após a saida do Chefe do Estado, a exposição ficará aberta para o publico, o mesmo acontecendo em todos os dias seguintes, das quatorze ás vinte e quatro horas. Das quinze ás dezanove haverá «jazz-band» e concerto das vinte e uma ás vinte e quatro horas, fornecendo-se tambem magnificos chás, almoços e jantares nos camarotes de 1.ª ordem.

Trata-se da maior e mais extraordinaria exposição no genero, oferecendo a sala um aspecto deslumbrante.

Excursão a Paris e Bruxelas
VISITA A VERSAILLES E ANVERS
Para assistir ás imponentes
festas de 14 de Julho, data da **Tomada da Bastilha**
e Exposição Internacional de Artes Decorativas
PREÇO para 7 dias em Paris, 2.100$00. Idem, 7 dias em Paris e 3 na Belgica, 2 600$00, com todas as despesas pagas de hoteis, teatros, museus transportes, etc.
Partida a 8 de julho—Inscrição imediata fechando a 4 de julho.
Dão-se referencias. Inscrição, programas e informações na R. de S. Nicolau, 18 a 22—Lisboa

"PRÉMIERES,,

A

EPOCA

de verão

no Avenida

abriu ontem

com "A Apaixonada,,

Todo o teatro de Porto Riche — é um teatro de ambiente de almas, de apaixonadas melancolias de amor, de dolorosas crises psicologicas. A vida é quente, é generosa, é sensivel, num intimismo em que a realidade exterior apenas se reflete como um halito doce de creança. Porto Riche não é um constructor de peças: é um creador de emoções. Pertence-lhe a gloria de ter dado ao amor um novo sentido. E' ele que reage sobre os personagens, que os descaminha, que os faz ltar, presos duma dôr diferente. Este determinismo sentimental aplicado á existencia como seu maior valor e a sua maior tortura, mantem á mesma distancia o homem e a mulher. Ambos iguais para um dado conflito, sem victorias faceis ou vencidos sacrificios, com que no teatro é facil explorar a credulidade do publico, oferecendo-lhe uma victima. Quero eu dizer com isto que Porto Riche torna os sentimentos e as paixões independentes das figuras — holocausto ardente que coloca mais alto o amor, tornando o chama violenta ou canto de cisne, soluçante e moribundo.

A *Apaixonada* é tão sincera como uma biografia intima, como um diario, como ma confissão. Até onde, esta peça que nos esmaga pela realidade como se ela nos pertencesse foi vivida? E vivida na desilusão sombria, angustia parada, queda da primavera em pleno outono, ultimo vitral duma mocidade que quere ajoelhar e sonhar, já repetidos e cansados os ultimos versos, os ultimos beijos, as ultimas caricias! Como o amor morre ou como o amor vive? O que o cria: sangue dos sentidos ou os inaudiveis queixumes da contemplação profunda e abstracta, em que o homem vai buscar ao seu pensamento a sintese do universo, num corpo de mulher?

Estabelece-se, pois, a lucta, que uma diferente compreensão, sensorial para Germana, intelectual para Estevão, eleva e destaca da banalidade de todas as comedias de amor, insuflando á obra uma palpitação anciosa, como se cada gota de sangue tivesse o seu pensamento, como se cada palavra possuisse a sua alma, como se cada scena marcasse novas linhas de horisonte psicologico.

Os caracteres dos dois personagens não têm estudo possivel, tão bem vincados foram por Porto Riche. Eles não complicam a acção. A acção é definida pela transformação constante em que a vida os coloca. Germana não é uma criança. E' uma *Mamã Colibri* sem pecado, mas voluptuosa. E' a mulher que não cansa, é a mulher que não morre. Afrodite, envenenada de luxuria, com tempestades monstruosas de desejos. Estevão, calmo e sobrio, pensamento temperado de estudo, defende-se, reage, luta. Quere ser a areia envolvente da paixão — a alma espiritual e eterna que não sacrifica a beleza do mundo ás ondas transitorias que o despedaçam.

E' esta a minha interpretação do teatro de Porto-Riche, que só pode ter uma realidade intima, de grandes linhas, de grandes planos, de poucas atitudes, e com uma voz musicada á nascença, severa e calada, das grandes dôres. A *Apaixonada* — é uma desilusão. São as cinzas do outono, a folha morta que cai em frente da janela limpida do passado.

Ester Leão teve um ultimo acto, perfeito e completo — sincera pagina de arte que eu gostaria de ter lido nos outros dois. Clemente Pinto disse bem o papel, mas não fez bem o personagem. Teodoro Santos errou, por completo, a figura. Um scenario cuidado, mas frouxo de tintas.—*Artur Portela*

Água Vale de Cavalos
A mais pura e digestiva. A' venda em toda a parte. Aceitam-se pedidos pelo telefone 2951 N.
Rua 1.º de Dezembro, 7

Teatro Salão Foz

Festa artistica do baritono

Alberto Reis

Tomam parte gentilmente: **Laura Costa, Maria Alves, Emilia e Pilar Pinol, Alfredo Ruas Caetano Reis, Charles y Reny.**

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474

HOJE - A'S 8 3|4 - HOJE

ESPOSAS LEVIANAS

Uma ciné-comedia em 5 partes

Uma revista de actualidades

"FOOT-BALL,,

A

VINDA

a Portugal dos campeões do mundo

a 16 e 19 deste mês

O nosso artigo de ontem, detalhando em primeira mão a vinda do «onze» do Uruguay, produziu enorme sensação nos meios desportivos.

O nosso presado colega «A Epoca» refere-se hoje, com as melhores palavras, ao extraordinario acontecimento que representa para o desporto nacional a primicia da estada entre nós de campeões do Mundo em «foot-ball association». De facto, os dois «matchs» que a 16 e 19 de julho se efectuam, têm um caracter de internacionalidade não inferior ao dos encontros Portugal Espanha e Portugal-Italia.

Os campeões mundiais chegam a Portugal no dia 15, devendo desembarcar na gare de S. Bento (Porto) pelas seis horas da tarde.

O desafio do dia 16 tem para a capital do Norte uma importancia excepcional. E', com efeito, esta, a vez primeira que ao Porto se desloca a «équipe» representativa de um paiz — e o facto de se tratar do Uruguay constitue a melhor reparação que pode ser dada á cidade que hoje possue o maior titulo de «foot-ball» nacional, e que não conseguiu ver atribuida aos seus «grounds» qualquer dos «matches» internacionais desta epoca.

O «team» uruguayo defrontará no Porto, no campo do Covêlo, a selecção da Associação—devendo o «onze» representativo da capital do Norte ter por base o grupo campeão de Portugal.

A proverbial hospitalidade portuense. que não quer nunca ser posta em duvida, está preparando, ao que nos consta, uma recepção que deixará inesqueciveis impressões aos campeões do Mundo.

O Uruguay jogou no domingo passado em Viena, com a selecção austriaca (profissionais), triunfando mais uma vez por dois «goals» a zero.

Diz «L'Echo des Sports»:

«O desafio foi interessantissimo, apesar do arbitro austriaco ter sido parcialissimo para os seus.

«A vitoria dos Sud-Americanos tem um enorme significado porque a selecção austriaca era fortissima».

Diario de Lisbôa

Compram-se na administração do *Diario de Lisboa*, Rua da Rosa, 57, 2.º, exemplares dos seguintes dias e anos: Maio, 13; Junho, 2 e 17; Agosto, 9; Novembro, 9 e Dezembro, 12; de 1921.

Janeiro, 20; Fevereiro, 28 e 29; Abril, 8; Agosto, 5, 7 e 8; Setembro, 23; Outubro, 6; Novembro, 6 e 25 e Dezembro, 7, 9 e 29 de 1922.

Janeiro, 2, 3, 8 e 13; Fevereiro, 13 e 14; Março, 8, 9 e 10; Abril, 30 de 1923.

Tauromaquia

João Nuncio e «Gallito de Zafra» na Moita

Em corrida de homenagem ao distincto «aficionado» João André realisa-se no proximo domingo, 5 de Julho, na praça de touros na vila da Moita, uma extraordinaria corrida com fins de beneficencia, apresentando-se pela primeira vez nesta praça o primoroso artista João Branco Nuncio e o novilheiro Angel de Navas, «Gallito de Zafra», uma das grandes esperanças da «aficion» espanhola e que debutará pela primeira vez em Portugal, toureando nesta tarde dois touros «en puntas». Nesta corrida tomam tambem parte dois grupos de moços de forcado, capitaneados respectivamente pelos valentes pegadores Manuel Burrico e João Marujo.

ESPIRITA

tudo consegue rapido, pagamento no fim, consultas a 10 escudos.

Rua do Sol ao Rato, 215, 3.º

A BORDO DA "FRAGATA D. FERNANDO,,

O exercito a politica e o 18 de Abril segundo a opinião do general Sinel de Cordes

Um redactor do *Diario de Lisboa* teve ontem ocasião de falar com o general sr. Sinel de Cordes, preso agora a bordo da fragata «D. Fernando», depois de ter estado em Elvas, por motivo dos acontecimentos de 18 de abril.

Talvez que algumas declarações e esclarecimentos do antigo General Quartel Mestre do Exercito ofereçam interesse neste momento. Ha uma oportunidade: a recusa de oficiais superiores de fazerem parte do governo, e que, não tendo, porventura, uma importancia, senão pessoal em relação aos oficiais convidados—para muitas pessoas é significativa.

E a circunstancia do sr. Sinel de Cordes estar preso, não lhe diminue nem o prestigio nem a importancia das palavras.

* * *

E' uma conversa desenfadada, sem pose de entrevista. O velho navio dá a impressão de um quartel de marinha. A camara do prisioneiro, á ré, é clara e confortavel, sem luxo.

—Tenho aqui sido tratado gentilmente. Não ha palavras que sobrem para traduzir a atenção com que me distinguem.

De facto, não ha oficial que atravesse a camara do prisioneiro para a camara do comandante, que não solicite: «Dá licença, sr. general?» E' uma delicadesa natural para a correcção marinheira. Mas foi o que vimos.

—V. Ex.ª já foi ouvido?

—Sim. O processo está pronto. Espero o julgamento, não sei, talvez para o fim deste mês. Enquanto as Camaras abertas, creio que não.

—Seu advogado?

—Advogados de todos os oficiais prisioneiros do 18 de Abril, os srs. major Tamagnini Barbosa e capitão Cunha Leal.

—V. Ex.ª está...

—Na situação vexatoria de afastado do serviço, á sombra de uma lei que não podia ter efeito retroactivo.

—Falou-se em liberdade condicional...

—Ouvi. O que desejo é que não me dêem liberdade nestas condições, que não merecemos, mas nos julguem.

—Confia então?

—Que me ponham em liberdade depois de julgado. Interpuz recurso para o Supremo no que se refere á situação em que me colocaram.

—Que lhe parece a situação do Exercito neste momento?

—Não sei nada. Estou aqui, preso, bem vê. Só leio jornais. Elucidam, mas não é suficiente.

—A recusa, por parte de varios oficiais, de aceitarem a pasta da guerra?

—Pode ser que seja significativa, mas não o afirmo.

—Mas V. Ex.ª tem sido aqui visitado por alguns oficiais superiores.

—Sim, mas isso não altera a minha ignorancia do estado do espirito do exercito neste momento.

De facto, sabemos que o sr. Sinel de Cordes foi visitado, entre outras pessoas, pelos generais Sousa Rosa e Roberto Baptista.

—Mas as recusas...

—A do sr. general Bernardo Faria não a posso interpretar assim ou assado. Um estado de espirito, que muito bem compreendo...

—As restantes?

—Quanto ao sr. general Vieira da Rocha, eu, se estivesse no logar do sr. Antonio Maria da Silva, não o tinha convidado. Este meu colega foi escorraçado do governo, a quando o 18 de abril. O seu caso não está liquidado, emquanto não se esclarecer tudo e realizarem os julgamentos. Ele—nunca poderia aceitar. Quanto ao coronel Sousa Dias, comandante da 3.ª divisão, não sei. Os oficiais do Porto auxiliaram, por subscrição, os meus colegas presos em Elvas, e em má situação economica. O comandante Sousa Dias talvez não tivesse sido estranho a esta atitude. Talvez, não afirmo.

—...

—Compreendo que o Exercito se queira afastar, agora mais do que nunca, da politica. E sei que o Exercito na sua disciplinada atitude, que nunca tem nem pode ter nada de revoltosa no sentido baixo da palavra, não vê com agrado que haja oficiais superiores politicos profissionais.

—Qual a atitude de v. ex.ª no movimento de abril?

—E' publica. Sabia do movimento, embora não tivesse nada com a Junta Revolucionaria, que esteve no Parque. Era um movimento militar, simpatico ao Exercito, e que aceitava a intervenção civil, e até a desejava no governo a formar.

—E...

—A minha acção, com a qual tristemente se especulou—e por quem não o devia fazer por muitos motivos (adivinhámos reticencias) foi a de apresentar ao Chefe do Estado a resolução dos oficiais do movimento para que se constituisse o governo da presidencia do sr. comandante Filomeno. Eu ficaria na pasta da Guerra, visto ter acedido a este desejo que me foi expresso.

—O governo estava formado...

—Estava.

—Nomes?

—Não lhos posso dizer. Civis, muito menos. Do governo fariam parte o comandante Filomeno, eu, o comandante Raul Esteves e o major Catarino. Mais dois militares, que não são dos prisioneiros e dois civis: estes para as pastas das Finanças e Justiça.

—O movimento estava seguro?

—Segurissimo.

—Havia muitos oficiais comprometidos?

—Comprometidos, ou ligados de certa maneira. Muitos. Muitos. Nomes não lhos posso nem devo dizer. Só afirmo um, porque já o fiz nas declarações do processo: o general Adriano de Sá.

—...

—Foi abordado por duas vezes: «que via o movimento com simpatia», que o Exercito o compreendia. Que não o hostilisaria. Deixou-nos toda uma séria impressão de segurança. Era, de resto, logico.

—Quem o abordou?

—Duas pessoas: um sobrinho dele, que é neto do antigo politico falecido Adriano Cavalheiro, e o sr. Campos Monteiro.

—Independentemente deste caso, v. ex.ª tem...

—Documentos? Temos. Alguns definitivos. Ha muito que esclarecer neste movimento, que não era de desordem.

—E as unidades?

Cortando:

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Pelos teatros

Augusto Costa

E' amanhã que, definitivamente, sobe á scena, no teatro da Trindade, inaugurando a sua epoca de verão, a revista «Ditosa Patria», de Luis de Aquino, Alberto Barbosa e Lourenço Rodrigues, na qual reaparece ao publico o actor comico Nascimento Fernandes, que faz um «comcère» e se estreia neste teatro o actor Augusto Costa (Costinha), artista de invulgares qualidades de actor humoristico, que vem de realizar uma longa temporada no Brasil, com um grande e notavel sucesso. A proposito desta «premiere», inserimos na 2.ª pagina uma curiosa entrevista.

AUGUSTO COSTA

Erico Braga

E' domingo que se realiza, no teatro S. Luiz, a recita de homenagem ao actor Erico Braga, promovida pela empresa A. Ramos, Limitada, representando-se, pela unica vez, a peça de Bernstein, «O tacrêço», uma das corôas artisticas de Lucilia Simões, que volta ao palco deste teatro, onde conquistou os seus mais assinalados triunfos, e em que Erico Braga tem um dos seus mais notaveis trabalhos artisticos, brilhantemente secundado pela excelente companhia Lucilia Simões, que parte na segunda-feira para a sua «tournée» pela provincia.

Atrás do reposteiro

Os artistas da Companhia Lucilia Simões-Erico Braga oferecem no proximo domingo, na Garrett, um almoço de homenagem, com um cunho muito familiar áquela ilustre artista, assistindo tambem alguns homens de letras, jornalistas e escritores teatrais.

—Para a comedia «O Leão da Estrela», que deve subir á scena, no Teatro Politeama, no dia 9 do corrente, foi hoje «filmada» a 2.ª parte do episodio cinematografico que se exibirá com a peça.

—Continua marcada para ámanhã, no teatro Nacional, a estreia da companhia organisada pelo actor José Ricardo e a primeira representação da comedia espanhola «Tiê da minha alma», na qual Ilda Stichini desempenhará o principal papel feminino.

—Começou hoje os seus trabalhos junto da Nova Companhia de Declamação a actriz Adelina Abranches.

—Estreia-se ámanhã, no teatro da Trindade, na revista «Ditosa Patria», a actrizinha Beatriz Costa, que na Companhia Antonio Macedo obteve grande exito no Brazil.

—A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho realisa espectaculos, nos dias 14 e 15 do corrente, em Coimbra; 16, 17 e 18 na Figueira da Foz e 19 e 20 em Leiria; fazendo parte do seu reportorio as peças «Era uma vez uma menina...» e «Os autores dos meus dias».

—Os espectaculos de comedias, em sessões, que vão realizar-se no S. Luis, sob a direcção dos actores Carlos de Oliveira e Gil Ferreira, abrindo com a comedia «Surprezas do Divorcio», devem iniciar-se na primeira quinzena deste mês.

—Noticias do Rio de Janeiro dizem que tem sido enorme o sucesso ali alcançado pela Companhia Armando de Vasconcelos, atingindo receitas magnificas.

—Antonio Vasques, recentemente chegado do Brasil com a Companhia Antonio de Macedo, continua sendo secretario particular deste emprezario.

—Para a revista «A cidade onde a gente se aborrece», em scena no Eden-Teatro», estão a ensaiar-se alguns numeros e bailados novos.

—Foi contratado para a proxima temporada da Companhia Satanela-Amarante, no Teatro Avenida, o actor João Silva, actualmente no Teatro Politeama.

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

AMANHÃ, 4, ás 21-30

INAUGURAÇÃO DA EPOCA DE VERÃO

1.ª repres. da comedia, em 3 actos, de Antonio Paso e Sanches Gesona, tradução de Machado Correia

TIO DE MINH'ALMA

Ilda Stichini — José Ricardo

TEATRO da TRINDADE

Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876

Só amanhã, ás 21-30

INANGURAÇÃO

da epoca de verão e estreia da nova companhia

1.ª representação da revista

Ditosa Patria

TEATRO SÃO LUIZ

Domingo, 5

RECITA DE HOMENAGEM A ERICO BRAGA

promovida pela Empresa A. Ramos, Ltd.

Representação unica da peça de Bernstein

O LADRÃO

Admiravel criação da actriz Lucilia Simões

BILHETES A' VENDA

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

Empresa Conceição Silva, Ltd.

HOJE, ás 21-30

O mais brilhante e recente dos exitos com a espirituosa revista

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

Tomam parte os bailarinos Gynett e Adelphi

O MELHOR LIMPA METAIS

SABAO X FABRICAÇÃO PRIVILEGIADA EM PORTUGAL

Liquefeito e perfumado

Limpa rapidamente:

Metais amarelos
Niquelados
Prata
Cobre
Zinco
Talheres de
Qualquer metal

DEPOSITARIOS GERAIS

Comptoir Comercial Português, L.da

ROSSIO, 93 2.º—Telef. N. 4829

A' venda em todas as boas drogarias e casas do genero

Aceitam-se agentes na provincia

A'S DAMAS

Só poderão conseguir a sua beleza e ter uma cutis bem cuidada, usando o créme e veloutine PRINCEZA ALICE; dando estes á pele o aveludado e frescura da mocidade, pois que pelas suas incomparaveis qualidades e perfume, garantem os seus bons resultados.

Todos estes preciosos produtos só se vendem na PERFUMARIA VIUVA DIAS, Rua dos Fanqueiros 342 e 344; aonde, além destes se encontra um grande sortido de perfumarias de todos os bons fabricantes nacionais e estrangeiros, aos preços das fabricas.

PARTEIRA

Judite Silva

Rua dos Fanqueiros, 96, 4.º

CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 2 ás 6 da tarde. Recebe clientes em casa.

Usem a Margarina "Astra"

é como manteiga

MATHIS

O automovel de reduzido preço, mais completo, mais resistente, mais perfeito e mais economico

Na sua categoria, o unico que possue incluido no seu preço

4 velocidades
4 molas inteiras
1 chassis completo
5 rodas, guarnecidas de pneus Confort
Travões ás 4 rodas
Inflamação por magneto
Estofo em couro

De facil manejo NÃO CARECENDO de dispositivo especial para se obter o maximo de economia

Nas nossas estradas — 6 litros aos 100 kms.

MODELOS: 8-10 e 11 HP., 4 cil. e 10 HP. 6 cil.

Em exposição: Modelos 6 cil. normal e Sport

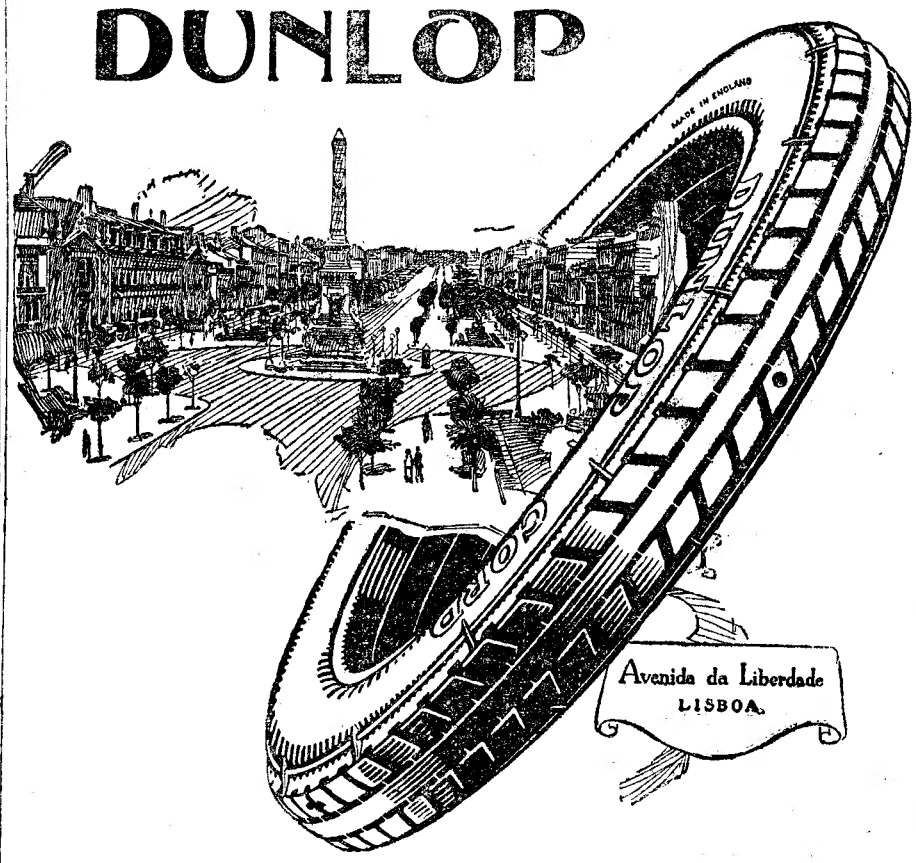
Agentes exclusivos para Portugal e Colonias

Garage ANTUNES

Praça dos Restauradores' 24—LISBOA

Telef. N. 3.341 — Teleg.: «Autocentral»

DUNLOP



PEREIRA, ALFAIATE

DIRECÇÃO TECNICA DE:

Amilcar de Sousa

T.E NORTE 3069 — R. Prata, 266, 1.º

TEATRO APOLO

HOJE

A opereta em 3 actos

A SEVERA

O mais extraordinario exito

Protagonista: EMILIA FERNANDES

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356

HOJE, ás 21-30

Grande sucesso

da peça, em 3 actos, de Porto-Riche, tradução de Mendonça Barreto

Apaixonada

(AMOREUSE)

Protagonista: Ester Leão

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644

HOJE e sempre, ás 20-30 e 22-30

A incomparavel revista

RATAPLAN!

Enchentes todas as noites

Ouro em 2.ª mão

Segundo A. Hermida

Continua sempre a vender mais barato, cordões, cadeias, aneis, brincos, medalhas e outros objectos, como brilhantes, pratas relogios em ouro prata e aço, das melhores marcas.

Ha sempre objectos de penhores só pelo pezo.

1, Calçada de Santo André
Calçada do Duque, 43

Antiguidades

Compro e encarrego-me do restauro de lustres, louças, «biscuits», gassos, barros, moveis, feragens para os ditos e de qualquer genero a preços modicos.

Rua Manuel Bernardes, 25, rlc.
(á Praça das Flores)

GEREZ

Hotel do Parque

Recomendado pela Propaganda de Portugal

O melhor da estancia

SALICILINO!

REGISTADO

Calos, Verrugas, Cravos

RESULTADOS CERTOS!

Caixa: 2$000. Pelo correio 2$150

Deposito geral:

Rua da Betesga, 16, 1.º

A'S SENHORAS

Usem o «Créme Roial»

O produto mais perfeito para a higiene e conservação da pele.

A' venda em todas as drogarias.

Deposito: R. da Rosa, 269

BRILHANTES GRANDES

SEM DEFEITO, paga de 3.000$00 para cima o quilate, perolas, esmeraldas e joias, superior a qualquer oferta. R. 24 de Julho, 100, 1.º (a Santos)

Victor Gonçalves, L.da
Changeurs - cambistas - changers
Compra e venda de moedas estrangeiras = «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 ..... LISBOA

ESTRANGEIRO

Matta, Lt.da
Participa aos seus presados amigos e clientes que mudou o seu escritorio da Rua do Carmo, 35, 3.º, para o n.º 43, 3.º, esq.º da mesma rua. Telefone C. 1968.

DE LONDRES

—o o o—

Portugal

deve

21.544.000

libras

á Inglaterra

LONDRES 3

As notas britanicas sobre as dividas de guerra foram entregues no fim da semana passada aos representantes diplomaticos dos piazes devedores: França, Italia, Portugal, Servia, Romenia e Grecia.

Nos circulos oficiais diz se que no actual momento foi considerado oportuna, em vista das recentes medidas tomadas pelos Estados Unidos sobre as dividas de guerra ali contraidas.

O governo britanico não deseja perturbar a liberdade dos Estados Unidos regularem a situação com os seus devedores, mas deseja chegar a acordo com os seus, recebendo propostas para uma solução mesmo provisoria, do respectivo pagamento.

Os emprestimos feitos pela gran-Bretanha aos citados paizes elevavam-se em trinta e um de Março de 1924 aos seguintes numeros:

França	623.272.000	libras
Italia.	533.300.000	»
Servia	28.481.000	»
Romenia	24.778.000	»
Grecia	23.355.000	»
Portugal	21.544.000	»

A Inglaterra recebeu até agora, 20 milhões de libras por contadas reparações alemãs, e pagou 80 milhões da sua divida aos Estados Unidos.

O governo britanico ficaria satisfeito, recebendo dos seus devedores a diferença, ou sejam 60 milhões, mas comtudo, nada recebeu até hoje. — (L.)

250.000 pessoas

assistiram ao desfile de locomotivas

Realizou-se ontem, o desfile das maquinas do caminho de ferro construidas desde o inicio da exploração das linhas de transporte acelerado, entre Darlington e Stockton (a primeira via ferrea construida) e que constituiu um dos numeros comemorativos do centenario do caminho de ferro.

Mais de duzentas e cincoenta mil pessoas assistiram ao desfile, calculando-se em cincoenta mil, as que durante a noite anterior trataram de ocupar as melhores posições. — (L.)

Chamberlain respondendo a uma interpelação na Camara dos Comuns, sobre a possivel conclusão dum acordo internacional contra a propaganda comunista, declarou que as circunstancias dos diversos paises aconselha a deixar a cada um deles a defesa da sociedade dentro da sua propria defeza. — (L.)

Iniciou-se esta manhã o circuito aereo da Gran-Bretanha, no qual tomam partes, com «handicap», aparelhos desde o mais pequno tipo até 400 cavalos de força, podendo desenvolver uma velocidade aproximada de 300 quilometros á hora. — (L.)

A FRANÇA E O RIFF

O governo

FRANCEZ

não tem o apoio indispensavel

para poder resolver

a questão de Marrocos

Entre as grandes dificuldades da hora actual —o pacto com a Alemanha, as profundas complicações financeiras, a crise do Cartel— a guerra de Marrocos é uma das que mais está embaraçando o governo francês.

Dizia-se ha pouco que o sr. Painlevé, por ocasião da sua viagem aérea a Marrocos, tinha podido apreciar supremamente os homens e as coisas; dizia se que dessa viagem ia resultar um conjunto de medidas rapidas, positivas, eficazes.

E eis que as hesitações continuam, que a opinião publica começa a inquietar-se, e que ninguem sabe quais são as directivas essenciais do governo a respeito desta grave questão.

* * *

Todas as moções votadas pelo Parlamento a este respeito têm sido vagas, laboriosas e hesitantes.

A maioria que apoia o governo está muito longe de possuir a homogeneidade desejada, ás suas decisões falta a firmesa, a segurança, a continuidade.

E o sr. Painlevé nunca poderá contar com o apoio da opinião, publica emquanto não tiver conseguido estabelecer firmemente a orientação da sua politica em relação á guerra.

Ora esta politica depende, fundamentalmente, da coesão dos grupos da esquerda e estes — tendendo cada vez mais a dissociar-se — perdem desesperadoramente o tempo em reuniões, em discussões, em conluios, em intrigas funestas e desconcertantes.

Para mais ha os comunistas que habilmente aproveitam a geral indecisão e arrastam os mais desprevenidos, ou os mais ingenuos, a lamentaveis e tristes confusões.

* * *

Com efeito, os comunistas pretendem que Marrocos devia pertencer exclusivamente aos marroquinos e que a França devia, pura e simplesmente, abandonar esse rico pais para garantir aos mesmos marroquinos o «livre desenvolvimento dos seus interesses, da sua fortuna, da sua população».

Esta doutrina parece, á primeira vista, admiravel embora não seja original; e, apesar da sua generalisação ser duma extrema gravidade, os comunistas não receiam aplica-la ao mundo inteiro.

E' assim que os graves acontecimentos da China corresponderiam aos sentimentos mais acrisolados dos bons nacionalistas da terceira Internacional; é assim que o comunista Doriot declarava, ha dias, na Camara que a guerra desencadeada no Rif por Abd-el Krim era apenas um episodio da grande luta que começa, por toda a parte, «contra a civilização ocidental».

Eis as palavras sonoras, as grandes etiquetas, os largos gestos de reclame.

Mas analisemos rigorosamente, friamente, a questão.

Ha em todo o Marrocos uma imensa população pacifica e laboriosa que se ocupa dos seus campos, das suas sementeiras, dos seus mercados dos seus rebanhos. E ha nas montanhas do Rif uma população sempre irrequieta e sempre ávida que se consagra sistematicamente á pilhagem e á guerra e vive á custa das populações visinhas.

Os marroquinos são, em geral, agricultores e pastores; os rifenhos são sempre aventureiros e piratas.

Os costumes destes ultimos lembram os costumes das hordas medievais: todos os anos, raivosamente, os rifenhos descem das suas aridas montanhas até aos vales risonhos de Uergha, até aos campos feracissimos de Fez, para se apoderarem das colheitas, para saquearem os mercados, para violarem e escravisarem as mulheres.

Abd-el-Krim é o chefe do Rif, isto é, o chefe dessas hordas insaciaveis.

Mas compreendia-se que a sua acção fosse considerada como nobre e meritoria se ele se batesse pela independencia do Rif. Assim aconteceu durante a luta com a Espanha—e a justiça da sua causa e os seus sucessos de então explicam a sua brilhante notoriedade.

Não nos iludamos, porém.

Quando Abd-el-Krim pretende alargar o seu poder a todo o Marrocos, ele pretende apenas subjugar, avassalar, escravisar definitivamente pelo terror e pela violencia as pacificas populações marroquinas. E quando os imprudentes utopistas da velha Europa, seus partidarios, ou seus defensores, sustentam que o chefe rifenho se bate para garantir o livre desenvolvimento dessas mesmas populações marroquinas, Abd-el-Krim deve rir-se cinicamente da ingenuidade desses utopistas, porque ele deseja apenas a liberdade de saquear sistematicamente o antigo imperio até Fez e até ao famoso Atlas, coberto de neves eternas.

Em face desse guerreiro truculento, popularissimo, audacioso e feliz, a França quere prosseguir a obra pacifica de penetração à que a obrigam os seus tratados—uma vasta obra de trabalho, de progresso, de alta e verdadeira civilização. Essa obra foi, generosamente, profundamente, realizada desde muito na Argelia. Ela ha de realisar-se em Marrocos, apesar de todas as actuais dificuldades.

E eu creio que as populações marroquinas serão bem mais felizes e terão bem maiores garantias «para o seu livre desenvolvimento» se a obra já consagrada na Argelia se alargar um dia até ao Oceano e até ás faldas ocidentais do Atlas, do que se continuarem sistematicamente sujeitas ás razias de Abd-el-Krim e dos seus rifenhos semi-barbaros.

* * *

Entretanto, as palavras pronunciadas na Camara pelo comunista Doriot, são dignas de meditar-se.

A poderosa e terrivel politica de Moscow vai agitando a Asia. Um dia ela tentará desencadear sobre a velha Europa a avalanche da raça mongolica.

E se a Europa continuar dividida pelas suas interminaveis lutas, se todos os grandes povos que a compõem, esquecendo as rivalidades seculares, se não estenderem supremamente atravez das fronteiras, os esplendores da civilização ocidental estarão para sempre condenados.

Chagas Franco

DE FRANÇA

—o o o—

Painlevé

quere

que se faça

a paz

na Europa...

PARIS, 3

Na discussão da politica de Marrocos, no Senado, Painlevé declarou que as tropas combatentes são muito inferiores ás que estavam ali em 1914 e que o total dos oficiais e soldados mortos ou desaparecidos, desde o começo das operações, é de 400.

A França sofreu uma verdadeira provocação. Nada desprezou para repelir o agressor e restabelecer uma paz digna da França. Faremos a paz tão depressa seja possivel, mas sem que os nossos sejam lesados.

O governo tomou providencias severas contra os manejos comunistas para impedir que se pervertam os nossos jovens soldados.

Poinlevé declarou que já se instauraram processos e frisou a inanidade da propaganda dos comunistas que encontrou pela frente, o bom senso e o espirito dos nossos valentes soldados.

Painlevé concluiu por afirmar que a França deseja a reconciliação europeia para que a Europa possa resistir ao assalto que eventualmente possa ser feito contra ela.—(H.)

Briand

refuta as acusações de Painlevé

Depois de ter falado Painlevé, o ministro dos Negocios Estrangeiros sr. Briand, refutou as acusações daqueles que dizem que a França quere atentar contra a independencia dos rifenhos e privá-los de se abastecerem.

Briand recordou que a França manteve sempre boas relações com eles e que se esforçará por lhes fazer compreender que as suas disposições ainda não mudaram. Congratula-se com os resultados do acordo franco-espanhol e terminou dizendo que a França está pronta a receber quaisquer propostas de paz.

Em seguida, o Senado aprovou pela unanimidade de 290 votos, a ordem do dia exprimindo confiança no governo.—(H.)

Solar d'Alegria
Reabriu este restaurant, completamente remodelado.
Hoje e sempre bailes ao ar livre.
Atracções!...

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121, 1.º, ás 3 h.-Telef. 908 C
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º, ás 5 h.-Telef. 1902-N

Hemorrhoidal
Cura-se, evitando a operação. Laboratorio Sanitario. Avenida Almirante Reis, 29, 1.º.

Hoje... ámanhã... depois... e todos os dias...
Se devem lembrar que quem apresenta melhores modelos em malas, carteiras e artigos de absoluta novidade é:
BASTOS SILVA, Lda. — R. de S. Nicolau, 81

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 119
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

PNEUS
Medidas 34 × 4 e 34 × 4 1/2, preço de liquidação.
Praça dos Restauradores, 13, 3.º. Porta 87.

Castelo de Vide
Estancia hidrologica de 1.ª ordem para tratamento de estomago, rins, intestinos e pele.
Numerosas fontes de aguas alcalinas, ferreas, etc. com composições diversas.

Hotel das Aguas
Instalações modernissimas; maximo conforto; cosinha excelente.
Pensão normal de 40$00 a 60$00

CASTELO DE VIDE é servida por um dos melhores horarios de caminhos de ferro: *dois* rapidos por dia para Madrid.
Serviço de automovel, privativo do Hotel, na Estação.

Companhia Portuguesa do Ar Liquido
Vende-se um lote de acções com importante desconto. Resposta a este jornal ás iniciais M. F. P.

Manteiga finissima marca sem rival
Recebida directamente, em latas de 1, 1|2 e 5 quilos. Grandes descontos aos revendedores. A. de Brito, Lt.ª. Praça dos Restauradores, 13, 3.º, porta 87. Telefone N. 3300.

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	97$00	97$50
Paris	—	$95
Madrid	—	2$92
New-York	—	20$06
Amsterdam	—	8$04
Suiça	—	3$90

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Bruxelas	—	$94
Italia	—	$71
Praga	—	$60
Brazil	—	2$20
Libra esterlina	98$00	100$00
Agio do ouro	—	—

NA FRAGATA D. FERNANDO

UMA
opinião
sobre
o movimento
de 18 de Abril

(*Continuação da 5.ª pagina*)

—Olhe que o sr. Adriano de Sá não estava comprometido com a Junta Revolucionaria. Não o afirmo. Mas estava falado e entendido. Muito bem entendido. Unidades... Não nos atacariam. Contavamos com infantaria 2, da qual tinhamos todo o regimento, menos dois oficiais. Com cavalaria 2, tambem. O Castelo não faria fogo.

—A que atribue estas deserções?

—Não lho posso dizer já.

—Uma questão pessoal...

—Num ou noutro caso, sim. Mas se é alguma coisa, não é tudo a explicar a situação que nos foi creada.

—Depois de julgado, e em liberdade, v. ex.ª tenciona voltar ao Exercito?

—Sem duvida.

—Ainda o movimento: qual o seu fito?

Sanear a politica, eliminando da actividade algumas pessoas, mas não despresando os elementos uteis. Não era um movimento exclusivamente militar. Não era monarquico, nem coisa que lhe parecesse. Era nacional, patriotico. O Exercito, nunca se pode meter em coisas partidarias ou de facção. O pais via-nos com bons olhos. Havia um ideal renovador, dentro da indole da nossa gente e conforme a opinião sensata do país.

—E agora?

—Não sei.

—Crê que o Exercito tome qualquer atitude?

—Não sei, nem posso saber. Até por honra e probidade militar me afasto destes pensamentos. Mas no Exercito, força nacional e ordeira, patriotica e isenta de responsabilidades, creio, sim, creio, como militar e como português.

—Um novo movimento militar...

—Não. Isso não.

—E mais tarde?

—O futuro a Deus pertence. O que digo é que o Exercito é uma esperança, e um elemento impoluto. Ha algum português que possa dizer que isto que vai aí—vai bem?

E o sr. general ficou, na camara da pôpa da velha fragata, a fumar os seus cigarros *Tagus* e a lêr, distraidamente, os jornais do dia.

Um desastre
de «side-car»

Entre Malveira e Mafra, voltou-se um «side-car» guiado pelo motociclista João Gomes dos Santos, que levava como passageiros Fazenda Pinheiro, comerciante, da calçada de Carriche, e Alfredo Azevedo, de 23 anos, escriturario do Jardim Zoologico, os quais foram transportados para o hospital de S. José. Depois de pensados, recolheram a casa.

O "Vasco da Gama"

Segue no dia 7 do corrente, para a viagem de instrução dos aspirantes da Marinha, o cruzador «Vasco da Gama».

Fermento de uvas FORMOSINHO
Cura diabetes, furunculos, dispepsia, eczemas
Doenças de pele em geral
FARMACIA FORMOSINHO
DE
ADRIANO GUEIFAO FERREIRA
Praça dos Restauradores, 18 — LISBOA

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114

UMA PREVISÃO POLITICA

Calculos
sobre uma provavel
votação parlamentar
da qual depende a sorte
do novo governo

O sr. Antonio Maria da Silva tomou ontem posse. A' volta do seu governo — que neste momento só os politicos desejam destronar — ha montanhas de suposições. Fazem-se calculos, aventam-se hipoteses.

Vejamos como esses calculos são feitos, partindo do principio que é certa a oposição nacionalista.

Tanto o P. R. P. como o P. R. N. como todos os outros agrupamentos, tocaram a rebate e pediram aos seus correligionarios que não faltem na segunda-feira. Demos de barato que seja assim, e vejamos com o mais aproximado rigor, e pelas informações colhidas, o que isso dá:

Democraticos (*da direita*) — *Portugal Durão*, Alberto Vidal, Pinto da Fonseca, Alfredo de Sousa, Rodrigues Gaspar, *Torres Garcia*, Marques de Azevedo, Tavares Ferreira, *Antonio Maria da Silva*, *Antonio Mendonça*, Antonio Pais, Agatão Lança, Pires do Vale (?), Baltazar Teixeira, Custodio de Paiva, Delfim Costa, *Domingos Pereira*, Carneiro Franco, *Fernando Freiria*, Germano de Amorim, Jaime de Sousa, Baptista da Silva, Estevam Aguas, João Camoesas, João Damas, João Luis Ricardo, João Salema, Vaz Guedes, Joaquim Ribeiro, José de Vilhena, Nunes Loureiro, Costa Gonçalves, Correia Gomes, Costa Amorim, Manuel Fragoso, Mariano Felgueiras, *Paulo de Lacerda*, *Rodrigo Rodrigues*, Sebastião Heredia, Teofilo Carneiro, Sousa Rosa, Vasco Borges, Ventura Malheiro Reimão, Vergilio Saque, *Vitorino Godinho* (?), *Vitorino Guimarães* (?). 47. Ha três ministros, um no estrangeiro e cinco duvidosos. Ficam 38.

Democraticos (*da esquerda*) — Adolfo Coutinho, Crispiniano da Fonseca, Alberto Cruz, Amadeu de Vasconcelos, Americo de Castro, *Anibal Lucio de Azevedo* (?), Paiva Gomes, Antonio Resende, *Almeida Ribeiro* (?), Augusto Pereira Nobre, Carlos Pereira, Carlos de Eugenio Vasconcelos, *Delfim de Araujo* (?), Felix Barreira, *Amaral Reis* (?), Diniz de Carvalho, *Velhinho Correia* (?), Pina de Marais, Joaquim de Matos, Jorge Capinha, Cortês dos Santos, José Domingues dos Santos, Oliveira Salvador, Julio Gonçalves, *Leonardo Coimbra*, *Tavares de Carvalho* (?), Sousa Coutinho, Sousa Dias, Marques Leitão, *Maximino dos Santos* (?), Pereira de Castro, Sá Pereira, Plinio Silva, *Valentim Guerra* (?). 34. Ha 8 duvidosos. Ficam 26.

Nacionalistas—Afonso de Melo, Alberto Jordão, *Lelo Portela*, Moura Pinto, Garcia Loureiro, Ginestal Machado, Vicente Ferreira, Lopes Cardoso, Artur Brandão, Bernardo de Matos, Constancio de Oliveira, Maldonado de Freitas, David Augusto Rodrigues, Francisco Cruz, Cunha Leal, Hermano de Medeiros, João Bacelar, Ornelas da Silva, Sousa Uva, Vitorino Mealha, Joaquim Brandão, Carvalho dos Santos, José Marques Loureiro, José Novais, José Napoles, Lucio Martins, Ferreira da Rocha, Sousa da Camara, Mario Infante, Ferreira de Mira, Pedro Pita, *Barros Queiroz*.—32. Ha dois duvidosos. Ficam 30.

Accionistas—Sá Cardoso, *Alvaro de Castro*, *Americo Olavo*, *Sampaio Maia*, Antonio Correia, Carlos Olavo, Pires Cançado, Pereira Bastos, Joaquim de Oliveira, Ribeiro de Carvalho, José Pedro Ferreira, Manuel Alegre, Viriato da Fonseca. 13. Ha dois fora de Lisboa e ha um de votação duvidosa. Ficam 10.

Independentes—Rocha Saraiva, *Alberto Xavier*, Abranches Ferrão, *Antonio da Fonseca*, Pinto Barriga, *Antonio Maia*, *Homem Christo*, Pires Monteiro, José de Magalhães, Prazeres da Costa, Brito Camacho, Pamplona Ramos, Nuno Simões, 13. Ha 3 no estrangeiro e 1 duvidoso. Ficam 9, dos quais 7 são governamentais e 2 oposicionistas.

Catholicos—Lino Neto, Diniz da Fonseca, *Juvenal de Araujo*, 3. Ha 1 que não costuma comparecer. Ficam 2.

Monarquicos—*Aires de Ornellas*, Morais de Carvalho, Carvalho da Silva, *Jayme Duarte Silva*, *Manoel Duarte*, Cancella de Abreu, 6. Ha 3 duvidosos. Ficam 3.

Os nomes sublinhados são os duvidosos na votação, dentro do quadro da previsão que aqui fazemos.

* * *

Eis aqui o que pode ser a Camara na proxima segunda-feira e vejamos o que isso dá num caso de votações, na hipotese pessimista dos adversarios:

Governamentais

Democraticos	38
Independentes	7
Catolicos	2
	47

Oposição

Democraticos	26
Nacionalistas	30
Accionistas	10
Independentes	2
Monarquicos	3
	71

E aqui está, sem mais comentarios.

Daqui até lá, porém, ainda vão três dias, e em três dias o mundo dá muita volta...

A posse do ministro da Guerra

O sr. Antonio Maria da Silva tomou hoje, de tarde, posse da pasta da Guerra, tendo-lhe sido transmitida pelo sr. Vitorino Guimarães—que a ocupou, interinamente, durante alguns dias.

Ao acto assistiram algumas patentes superiores e muitos oficiais do Exercito e da Guarda Republicana.

O ministro cessante fez o elogio do novo titular, afirmando que, neste momento, sem desprimor para ninguem, a pasta da Guerra deve ser ocupada por um politico, fóra do Exercito.

Declarou que durante o tempo em que esteve á frente daquele ministerio a sua surpreza foi grande por ter tido ocasião de vêr as deficiencias com que lutava o Exercito.

E a esse respeito, acrescenta:

—E' absolutamente indispensavel, é urgente, é mais do que urgente: é inadiavel cuidar a sério do problema da defesa nacional.

Disse ainda que a força armada nada tem que ver com as questões politicas do seu país. O Exercito deve manter aquela neutralidade que deriva, implicitamente, da disciplina.

Terminou por chamar ao sr. Antonio Maria da Silva um grande, um velho amigo seu, confiando plenamente na sua acção para maior prestigio da força publica e do regimen.

O novo ministro, muito elegante dentro do seu «frack» novo, limitou-se a declarar que o exercito pode contar sempre com ele como um verdadeiro amigo e que vai trabalhar sinceramente, confiado na colaboração de todos—e se lhe derem tempo para isso—no sentido de dotar a força publica com o material necessario para a defesa nacional.

Termina o seu breve discurso dando um grande, um prolongado abraço no sr. Vitorino Guimarães, que falou ainda para agradecer a colaboração que todos lhe prestaram durante a gerencia interina da sua pasta.

NA RUA DA PROCISSÃO

UMA
bomba
mata
uma creança
de seis anos

Pouco depois da uma hora da tarde de hoje, os moradores da rua da Procissão foram alarmados por uma forte detonação, produzida por uma bomba que rebentou na cave do predio n.º 81.

O guarda, que perto se encontrava de serviço, correu imediatamente para o local da explosão, tendo, pouco depois, comparecido o cabo Paixão, da esquadra das Mercês, e um informador da P. S. E.

* * *

Viviam nessa cave, na maior miseria, Bemvinda Santos, seu marido, Fernando José Varandas, um filho de seis anos, Firmino Pereireira Varandas, e um sobrinho, Fernando dos Santos Pereira, cortador, de dezassete anos, que ha uma semana está sem trabalho.

Estavam todos comendo no momento da explosão, que matou o Firmino e feriu gravemente, nas pernas, o dono da casa.

A cave tem as paredes esburacadas e é formada por quatro compartimentos, divididos por tabiques. Em frente, vê-se uma cosinha, com uma comprida mesa de pinho e uns bancos de madeira; á direita, um quarto com um misero catre; á esquerda fica um quintal, com um poço, algumas couves e uma capoeira com duas galinhas. A' entrada, um banco de carpinteiro com bocados de madeira. A um dos cantos, um fogareiro, uma assadeira com três sardinhas, e ao lado, uma cadeira com um prato com batatas e cebolas.

Estava comendo ali o Fernando dos Santos, sobrinho do dono da casa.

Ao centro estava o Firmino que, segundo declara o Fernando Varandas, brincava com uma bola de ferro que encontrára na rua e que explodiu, deixando espantados todos os presentes.

Por outro lado, a policia presume que a bomba tivesse explodido quando a estavam carregando, visto ter sido encontrada uma pequena chave de porcas toda torcida e sôbre o banco de carpinteiro um enorme novêlo de fio preto para instalações electricas.

Foi presa a Bemvinda dos Santos, o sobrinho, e Anibal Felgueiras, morador no 2.º andar do referido predio, que ali se encontrava no momento da explosão.

* * *

Na esquadra da travessa das Mercês apareceu Virginia dos Santos, mãe do Fernando Santos Pereira, uma pobre mulher que vive de esmolas e que jurava por tudo quanto ha que seu filho não teve a menor interferenci no caso.

Uma nota curiosa, pelo que tem de tragica Esta pobre mulher teve ha três anos três crianças. Uma delas deu ha dias uma queda, deslocando um braço; outra foi mordida esta manhã por um cão raivoso. O filho mais velho—tem 6—é agora preso pelo caso da bomba.

O mais curioso é que a bomba não produziu nenhum estrago material. Apenas o tecto sofreu uma pequena beliscadura.

A Bemvinda declarou á policia que a bomba talvez fosse arremessada para ali por um individuo que mora no Alto do Longo, conhecido pelo Armando da Lucia, e que teve uma questão com seu marido. Esta versão não é aceitavel, visto o marido ter declarado que vira o pequeno Firmino a brincar com uma bola de ferro.

MISSA

D. Diogo do Vale e Sousa de Meneses Mexia

Mandada dizer pela sua familia, reza-se ámanhã, ás 11 horas, na igreja de Alcantara, uma missa, sufragando a alma do sr. D. Diogo do Vale e Sousa de Meneses Mexia.